

Tempo Gasto Com Educação E Qualidade De Vida De Crianças De Classe Popular

Time That Children From Lower Social Classes Spend With Education And Their Quality Of Life

Ana Célia Nunes

Mestra em Terapia Ocupacional pela Universidade de São Carlos
Terapeuta Ocupacional do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da USP
E-mail: anacelia_nunes@yahoo.com.br

Maria Luísa Guillaumon Emmel

Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo
Professora do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos
E-mail: Malu@ufscar.br

Endereço: Ana Célia Nunes

Endereço: Rua Scuvero, 174, AP 122,
Liberdade, São Paulo-SP, CEP: 1527-000

Endereço: Maria Luísa Guillaumon Emmel

Endereço: Universidade Federal de São Carlos, Centro de
Ciências Biológicas e da Saúde, Departamento de Terapia
Ocupacional. Rodovia Washington Luis, km 235,
Monjolinho, CEP: 13565-905 - São Carlos, SP - Brasil -
Caixa-postal: 676.

Editor Científico: Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

**Artigo recebido em 02/01/2016. Última versão
recebida em 26/01/2016. Aprovado em 27/01/2016.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).**

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação.

Apoio e financiamento: Coordenação do Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

RESUMO

Crianças, assim como adultos, organizam seu cotidiano por meio do seu envolvimento em atividades comuns do dia a dia. Os estudos sobre o uso do tempo são importantes ferramentas para o conhecimento do cotidiano de crianças, pois permitem conhecer hábitos e comportamentos dos mais variados grupos sociais. Este artigo traz os resultados de um estudo que teve por objetivo descrever como crianças de classe popular, estudantes de escolas públicas estaduais de um município de médio porte do estado de São Paulo, avaliam sua qualidade de vida e usam seu tempo em atividades educacionais. Trata-se de um estudo transversal, descritivo e quantitativo. Os resultados apontaram percepção de boa qualidade de vida e pouco envolvimento em atividades extracurriculares. O artigo suscita a discussão sobre a necessidade de multiprofissionalização da educação pública com profissionais que possam contribuir com a dinamização e humanização da rotina escolar, por meio de atividades diversas que estimulem o corpo, o cérebro e a cognição, e que promovam o consumo de bens culturais e sociais para esta população.

Palavras-chaves: Escola. Uso Do Tempo. Crianças. Classe Popular. Atividades Educacionais.

ABSTRACT

Children, as well as adults, organize their daily routines based on their role in day-to-day activities. Studies on use of time are an important tool for the acknowledgment of daily routine of children, hence allowing us to understand habits and behaviours from various social groups. This article presents the results of a study that aimed to describe how children from lower social classes, who are public schools students from a medium-sized municipality of São Paulo state, evaluate their quality of life and spend their time in educational activities. This was a cross-sectional, descriptive and quantitative study. The findings revealed a perception of good quality of life and limited involvement in extracurricular activities. The article raises the discussion about the need for a multi-professionalization of public education with professionals who are able to contribute to a more dynamic and humanized school routine, by means of various activities which not only stimulate the body, brain and cognition, but also promote the consumption of cultural and social goods targeted to this population.

Keywords: School. Time-Use. Children. Lower Social Class. Educational Activities.

1 INTRODUÇÃO

O termo qualidade de vida pode ser considerado uma síntese de elementos que resultam na sensação de bem estar humano. Entre os estudiosos da área não existe um consenso sobre um conceito único do tema, mas parece haver consenso que o termo faz referência ao resultado da combinação de elementos subjetivos, associados a elementos concretos do cotidiano humano.

Para Minayo, Hartz e Buss (2000), qualidade de vida é uma construção social com a marca da relatividade cultural, um termo que abrange e reflete os conhecimentos, os valores e os significados dos indivíduos isoladamente e de sua coletividade. É uma noção humana, embutida de influências culturais, que se aproxima do grau de satisfação nas diversas esferas da vida (familiar, amorosa, social e ambiental) e configura-se em uma síntese cultural dos elementos exaltados por determinada sociedade como condicionantes de conforto e bem-estar.

Já Almeida, Gutierrez e Marques (2012) afirmam não ser possível construir um conceito único sobre o termo, mas asseguram que é admissível estabelecer elementos para se pensar esta noção. Estes são, segundo eles, elementos objetivos e subjetivos que auxiliam o entendimento do fenômeno e que, do ponto de vista semântico, até possíveis aplicações diretas na vida real, não se pode negar seu caráter de interdependência.

Pontos de vista objetivos buscam uma análise ou compreensão da realidade pautada em elementos quantificáveis e concretos, que podem ser transformados pela ação humana. A análise desses elementos considera fatores como alimentação, moradia, acesso à saúde, emprego, saneamento básico, educação, transporte, ou seja, necessidades de garantia de sobrevivência próprias da sociedade contemporânea. [...] A análise de qualidade de vida sob um aspecto subjetivo também leva em conta questões de ordem concreta, porém, considera variáveis históricas, sociais, culturais e de interpretação individual sobre as condições de bens materiais e de serviços do sujeito. Não busca uma caracterização dos níveis de vida apenas sobre dados objetivos; relaciona-os com fatores subjetivos e emocionais, expectativas e possibilidades dos indivíduos ou grupos em relação às suas realizações, e a percepção que os atores têm de suas próprias vidas, considerando, inclusive, questões imensuráveis como prazer, felicidade, angústia e tristeza (ALMEIDA; GUTIERREZ; MARQUES, 2012, p. 20-21).

No campo científico que estuda a qualidade de vida na infância e adolescência também parece não haver consenso sobre o conceito do termo e, segundo Kuczynski (2010), ainda se está longe de uma concepção universal.

Verifica-se, ainda, uma carência sobre o tema nestas etapas da vida humana, porém entre os estudos existentes, o conceito de qualidade de vida também é circundado pela multidimensionalidade e subjetividade (BERNAL, 2010; SOARES *et al.*, 2011).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para Assumpção Jr. (2010), qualidade de vida na infância e na adolescência faz referência a um

[...] resultado geral obtido a partir da satisfação na família e na escola, associado à saúde, segurança física, mental e social, implicando a possibilidade de desenvolvimento, porém sempre sob uma perspectiva individual e com caráter subjetivo (ASSUMPÇÃO Jr, 2010, p. 39).

Pensar em qualidade de vida deve conduzir a reflexão sobre todas as coisas que se relacionam com a sensação de satisfação, felicidade e bem-estar das pessoas, dessa forma, a avaliação da qualidade de vida torna-se essencial devido ao seu caráter multidimensional, que aglomera questões sociais, culturais, psicológicas e de saúde dos indivíduos (BERNAL, 2010).

Apesar de ser uma noção humana, com a marca da relatividade e da subjetividade do sujeito que se auto-avalia (MINAYO; HARTZ; BUSS, 2000), a qualidade de vida pode ser aferida graças ao emaranhado de elementos objetivos e subjetivos que circundam seu conceito.

A fim de avaliar a qualidade de vida das diversas populações, estudiosos da área desenvolvem e testam a eficácia e a sensibilidade de instrumentos diversos, que são classificados em duas categorias: *genéricos* e *específicos* (GASPAR; MATOS, 2008).

Os genéricos são utilizados em estudos para avaliar a qualidade de vida da população em geral, ou comparar a qualidade de vida da população em geral com a qualidade de vida de populações acometidas por doenças; já os específicos geralmente são desenvolvidos, visando avaliar a qualidade de vida de populações acometidas por doenças específicas, como síndromes e deficiências, por exemplo, em estudos que desejam avaliar o impacto de determinada doença sobre a qualidade de vida dos sujeitos acometidos por ela (GASPAR; MATOS, 2008).

São poucos os instrumentos elaborados e validados para avaliar a qualidade de vida da população infanto-juvenil brasileira, e sobre esse processo Kuczynski (2010) sinaliza que estes precisam ser reformulados, a fim de considerarem a percepção da própria criança e não a de seus responsáveis adultos. A participação de crianças e adolescentes como sujeitos de pesquisas relacionadas à sua qualidade de vida, segundo Soares e colaboradores (2011), ainda é incipiente.

Avaliar a qualidade de vida na infância e na adolescência é uma tarefa complexa, pois as avaliações devem incluir variáveis como a faixa etária e características diferenciadas da

população e as constantes mudanças físicas e emocionais decorrentes do processo de crescimento e desenvolvimento (ASSUMPÇÃO Jr., 2010). Devem considerar, ainda, que, à medida que as crianças crescem e se desenvolvem, novos papéis sociais, novas ocupações e novas rotinas são inseridas no seu cotidiano, e, principalmente, devem considerar as alterações nas formas de perceber e interpretar a vida, que vão ficando mais refinadas (WILCOCK, 1993; NUNES *et al.*, 2013).

Dessa forma, avaliar a qualidade de vida de crianças e adolescentes sob a sua própria perspectiva configura-se em um procedimento importante e útil no processo de compreensão de elementos objetivos e subjetivos que podem interferir em todas as esferas e estruturas sociais, de forma positiva ou negativa, na sua unidade individual ou coletiva.

2.1 Estudos sobre o uso do tempo em atividades cotidianas

Os estudos sobre o uso do tempo têm se apresentado como importante ferramenta para o conhecimento da frequência e da duração das atividades humanas (STINSON, 1999). O primeiro registro de orçamento do tempo aconteceu no âmbito das ciências sociais em 1913, em um estudo que investigava o tempo de lazer de trabalhadores (TEIXEIRA 2009).

Um breve levantamento histórico sobre tais estudos aponta que as condições de vida de trabalhadores foi tema de diversas investigações sobre o uso do tempo com esta população na segunda metade do século XX na Europa, e elemento que despertou e aumentou o interesse de pesquisadores sobre essa metodologia de levantamento de dados.

O histórico de emprego desse método de levantamento de dados aponta ainda que os Estados Unidos ingressam nessa área de conhecimento em 1915 com investigações sobre o uso do tempo em atividades domésticas, e que a antiga União Soviética também teve importante contribuição no desenvolvimento de estudos nessa área, produzindo vários estudos sobre o tempo despendido em serviços domésticos nas décadas de 1920 e 1930. Foi também na década de 1930 que os Estados Unidos produziram pesquisas sobre orçamento do tempo em grande escala.

Os orçamentos de tempo da população continuaram despertando interesse dos estudiosos de diversas áreas de conhecimento e continuaram em crescimento, recebendo seu primeiro grande projeto de impacto internacional em 1966 com Alexandre Szalai e colaboradores, com estudos comparativos sobre uso do tempo em 12 países, e com 30 mil entrevistados no total (RAMOS, 2009; TEIXEIRA 2009; AGUIAR, 2011).

Atualmente, diversos países da Europa Ocidental, Estados Unidos, Canadá e Austrália

incorporaram os estudos sobre uso do tempo da população aos seus institutos nacionais de pesquisas.

Na América Latina, esses estudos tiveram início na década de 1990. Países como Chile, Nicarágua, Guatemala, Costa Rica, Bolívia, República Dominicana, México, Cuba, Equador e Uruguai também incorporaram aos seus institutos nacionais de pesquisas estatísticas investigações sobre o uso do tempo da população (RAMOS, 2009; CAVALCANTI; PAULO; HANY, 2010; AGUIAR, 2011).

No Brasil, o estudo de orçamento de tempo de maior abrangência foi realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2009/2010, com um estudo piloto que investigou o uso do tempo em cinco unidades da federação em 10.092 domicílios, cujos participantes tinham idade a partir de 10 anos (CAVALCANTI; PAULO; HANY, 2010).

Outros estudos de menores proporções têm sido realizados em diversas cidades brasileiras e tem investigado o uso do tempo em temas diversos, como desigualdade de gênero, classe social, trabalho remunerado, atividades cotidianas, estilos de vida de diversos grupos de idades, deslocamentos urbanos, entre outros.

As investigações brasileiras sobre o uso do tempo com crianças e adolescentes ainda é incipiente, e os trabalhos produzidos com essa população apresentam intersecções entre o uso do tempo com as relações de gênero e classe social, diferenças entre o uso do tempo de crianças com e sem deficiências, o uso do tempo em atividades cotidianas, o tempo despendido no brincar, o tempo livre e as novas temporalidades juvenis (BARROS *et al.*, 2002; CARVALHO; MARCHADO, 2006; SARRIEIRA *et al.*, 2007; SCHWERTNER; FISCHER, 2012; SOUSA; EMMEL, 2013; NUNES *et al.*, 2013; NUNES; EMMEL, 2015).

Para além do levantamento de hábitos e comportamentos, a importância dos estudos sobre o uso do tempo na infância e na adolescência pode também ser traduzida na sua relação com as variáveis que aumentam ou diminuem a qualidade de vida, e as macro e micro consequências desse aumento ou diminuição para a vida na sua unidade individual e/ou coletiva (NUNES; EMMEL, 2015).

Com base nos pressupostos acima, este artigo traz os resultados de uma pesquisa que teve por objetivo descrever o uso do tempo em atividades educacionais (tempo dedicado, grau de significado e grau de satisfação) e a percepção da qualidade de vida de crianças de classes populares, estudantes de escola pública. Objetivou-se ainda descrever a relação entre tempo de dedicação às atividades educacionais, grau de satisfação, grau de significado atribuído e a qualidade de vida dos sujeitos participantes da pesquisa.

3 METODOLOGIA

Este foi um estudo seccional, descritivo e correlacional de abordagem quantitativa e com amostragem não probabilística por conveniência, realizado em quatro escolas públicas estaduais de um município de médio porte, localizado na região central do estado de São Paulo.

A amostra foi composta por 108 crianças de ambos os gêneros (60 meninas e 48 meninos), e com idades entre 9 e 12 anos (média de 10,4 anos e desvio padrão de 1,1 pontos). Para compor a amostra, além da faixa etária, as crianças deveriam aceitar participar voluntariamente do estudo e retornar com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelos pais/responsáveis; deveriam estar matriculadas e frequentar a escola parceira do estudo, saber ler e escrever; saber se localizar temporalmente nos períodos do dia (manhã, tarde e noite) e completar as duas etapas de preenchimento do diário.

As crianças receberam o convite para participar do estudo em sala de aula e após o esclarecimento das dúvidas levantadas, aos que manifestaram o desejo de participação, foi entregue um envelope contendo convite aos pais, TCLE e ficha de identificação da criança.

Os que retornaram com o TCLE assinado foram selecionados para participar do estudo. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, com Parecer número 434.350.

3.1 Instrumentos de coleta de dados

Para a coleta de dados foram utilizados três instrumentos: uma Ficha de Identificação (elaborada pelas autoras), para levantar dados sobre o perfil dos participantes da pesquisa (idade, gênero, raça, endereço de contato, composição e renda familiar); uma escala destinada à avaliação subjetiva da qualidade de vida de crianças de 04 a 12 anos de idade - o Autoquestionnaire Qualité de Vie Enfant Imagé (AUQEI) e o Diário de Atividades versão infantil, para a coleta de dados referente ao uso do tempo em atividades escolares.

3.2 Autoquestionnaire Qualite De Vie Enfant Image (AUQEI)

Validada por Assumpção Jr. e colaboradores (2000), o questionário é uma auto-avaliação baseada no ponto de vista da satisfação da criança. Dispõe de um suporte de

imagens que exprimem quatro diferentes estados emocionais (Muito infeliz, Infeliz, Feliz e Muito Feliz), exemplificados através de quatro diferentes faces.

A escala contém 26 questões que exploram relações familiares, sociais, atividades, saúde, funções corporais e separação. O ponto de corte do instrumento é de 48 pontos e valores abaixo deste número denotam uma qualidade de vida prejudicada. O instrumento ainda permite uma avaliação da qualidade de vida pelos domínios contidos nele - Família, Função, Autonomia e Lazer - (cf tabela 1). É um instrumento de fácil aplicação e consome pouco tempo durante a mesma (KUCZYNSKI, 2002; ASSUMPCÃO Jr *et al.*, 2000).

Tabela 1 – Distribuição de questão por dimensão contida no AUQEI

Dimensão contida no instrumento	Questões relacionadas à dimensão
Função: questões relativas às atividades na escola, às refeições, ao deitar-se, e idas ao médico:	Questão 01: À mesa, junto com sua família. Questão 02: À noite, quando você se deita. Questão 04: À noite, ao dormir. Questão 05: Na sala de aula. Questão 08: Quando você vai a uma consulta médica.
Família: questões relativas à opinião das crianças quanto às figuras parentais e quanto a si mesmas:	Questão 03: Se você tem irmãos, quando brinca com eles. Questão 10: Quando você pensa em seu pai. Questão 13: Quando você pensa em sua mãe. Questão 16: Quando seu pai ou sua mãe falam de você. Questão 18: Quando alguém te pede que mostre alguma coisa.
Lazer: questões relativas às férias, aniversário e relações com os avós:	Questão 11: No dia do seu aniversário. Questão 21: Durante as férias. Questão 25: Quando você está com seus avós.
Autonomia: questões relacionadas à independência, relação com os companheiros e avaliações escolares:	Questão 15: Quando você brinca sozinho (a). Questão 17: Quando você dorme fora de casa. Questão 19: Quando os amigos falam de você. Questão 23: Quando você está longe de sua família. Questão 24: Quando Você recebe as notas da escola.
Questões que detêm importância isolada	Questão 06: Quando você vê uma fotografia sua. Questão 07: Em momentos de brincadeira durante o recreio escolar. Questão 09: Quando você pratica um esporte. Questão 12: Quando você faz as lições de casa. Questão 14: Quando você fica internado no hospital. Questão 20: Quando você toma remédios. Questão 22: Quando você pensa em quando estiver crescido. Questão 26: Quando você assiste televisão.

3.3 Diário de Atividades versão infantil

O Diário de Atividades versão infantil consiste em um formulário que contém uma relação de atividades, onde deve ser anotado o tempo gasto em um dia com cada uma delas. A elaboração do Diário de atividades que deu origem à versão infantil¹ tomou como referência o documento da American Occupational Therapy Association – AOTA- que trata da ocupação humana - e também estudos sobre medidas do uso do tempo (STINSON, 1999; AOTA, 2008; EMMEL *et al.*, 2002).

A partir dessas referências, o instrumento aplicado nesta pesquisa foi composto por oito categorias (Cf. Tabela 2), e neste artigo serão apresentados os resultados obtidos na categoria “Atividades Educacionais”.

O diário de atividades criado por Emmel (2012) faz parte da categoria de diários para orçamento de tempo que Aguiar chamou de “estilizados”. Esses, segundo a autora, são tipos de diários que utilizam perguntas para “estimar o tempo despendido em atividades determinadas” (AGUIAR, 2010, p. 65). Trata-se também de um diário pré-codificado, ou seja, contém uma lista prévia de atividades para cada categoria e, por não conter uma “régua de tempo” ou um “relógio” (como comumente encontrado em outros tipos de diários de medida de tempo), o registro da duração das atividades deve ser realizado pela percepção do sujeito sobre a duração do evento em questão, onde o respondente faz uma “estimativa” do tempo gasto com cada atividade realizada em um dia.

Cada participante forneceu informações referentes a dois dias: um dia útil da semana (segundas, terças, quartas ou quintas-feiras) e um dia do final de semana (sábados ou domingos). Os dados foram coletados com o auxílio de três entrevistadores auxiliares previamente treinados pelas pesquisadoras, e o diário foi preenchido em forma de entrevista recordatória pelos entrevistadores, de acordo com a disponibilidade de cada escola.

Para as análises estatísticas foi utilizado o Software Estatístico SPSS® versão 21, e os resultados foram descritos a partir de medidas de centralidade (médias) em horas, e separados em duas categorias: dias da semana e dias do final de semana.

Tabela 2 – Categorias e atividades que compõem o Diário de Atividades - versão infantil

Categorias (AOTA, 2008).	Exemplos de atividades listados no diário:
AVD e AVP- são atividades relacionadas ao cuidado que o indivíduo tem para com o seu próprio corpo e com a sua sobrevivência. Fundamentais para a sobrevivência e para a vida em sociedade, sustentam a vida diária dentro da casa e na comunidade.	AVD: sono e cochilos; cuidados com o corpo; vestuário; alimentação, etc... AVP: preparar refeições; serviços domésticos; deslocamentos, etc..
Atividades religiosas e espirituais - dizem respeito às crenças, rituais, símbolos religiosos que facilitam a aproximação das pessoas com aquilo que consideram sagrado.	Praticar uma religião (frequentar cultos religiosos) e dedicação às práticas espirituais (orações, rezas, reflexões, etc...).
Atividades profissionais e produtivas - envolvem a participação em atividade remunerada ou voluntária.	Trabalho remunerado e/ou voluntário.
Atividades educacionais - envolvem todas as atividades necessárias para o aprendizado e participação em ambientes diversos.	Frequentar escola regular; aula de reforço; aula de idiomas; fazer lição de casa, etc..
Cuidar de membros da casa - inclui a seleção, supervisão ou o fornecimento direto do cuidado a membros da família,	Cuidar de crianças, adultos ou idosos.
Atividades esportivas - envolve a realização de atividades físicas que, através da prática organizada ou ocasional, visa equilibrar e manter a mente e as estruturas e funções do corpo.	Caminhada; corrida; futebol; handebol; andar de bicicleta, etc...
Atividades de Lazer/Diversão - são atividades de cunho não obrigatório realizadas no tempo livre das ocupações obrigatórias.	Ir ao cinema; passear/sair de casa; assistir tv; usar o computador; cantar; dançar; descansar; brincar; fazer leitura, etc...
Comportamentos – são ações ou comportamentos que as pessoas usam para identificar, gerenciar e expressar sentimentos enquanto se envolvem em atividades ou na interação com outros.	Chorar; ficar ansioso; ficar chateado; ficar com alguém/namorar/paquerar; discutir; brigar; sentir saudades; ficar alegre, etc...

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos sobre o perfil socioeconômico dos participantes apontaram que 82,4% deles declararam renda de até R\$ 2.712,00, o equivalente a quatro salários mínimos.

Destes, 43,5% declararam rendimentos familiar de até R\$ 1.356,00 (2 salários mínimos) e apenas 15,7% declararam renda familiar de até R\$ 6.780,00 (10 salários mínimos). O salário mínimo brasileiro vigente no período em que os dados da pesquisa foram coletados (Outubro/Novembro de 2013/Janeiro de 2014) era de R\$ 678,00.

4.1 Qualidade de Vida

A tabela 3 a seguir apresenta o panorama geral dos resultados obtidos por meio do questionário AUQEI:

Tabela 31 – Escores obtidos para cada dimensão de qualidade de vida (n = 108).

	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
Função	9,9	2,0	3,0	15,0
Família	11,6	2,5	0,0	15,0
Autonomia	7,5	1,9	1,0	12,0
Lazer	8,2	1,3	2,0	9,0
Total	52,0	6,9	26,0	67,7

Fonte: Elaborado pela autora

Os resultados da tabela 3 apontam que, de modo geral, os participantes do estudo apresentaram qualidade de vida satisfatória. O escore geral obtido foi de 52,0 pontos, com desvio padrão de 6,9 pontos. A pontuação mínima obtida entre os participantes foi de 26 pontos e a máxima 67,7 pontos.

A tabela 4 contém informações sobre o número de participantes com qualidade de vida satisfatória ou prejudicada:

Tabela 42 – Frequências observada em qualidade de vida satisfatória e prejudicada (n = 108).

	Qualidade de Vida Prejudicada		Qualidade de Vida Satisfatória	
	N	%	N	%
Função	25	23,1	83	76,9
Família	13	12,0	95	88,0
Autonomia	78	72,2	30	27,8
Lazer	2	1,9	106	98,1
Total	24	22,2	84	77,8

Fonte: Elaborado pela autora

Por meio da tabela 4 é possível analisar as frequências de participantes que obtiveram e os que não obtiveram escore mínimo na avaliação geral do instrumento e em cada dimensão por ele avaliado que determina ou não qualidade de vida satisfatória.

Observa-se que 77, 8% dos participantes perceberam em suas vidas, através dos aspectos avaliados pelo instrumento, qualidade de vida satisfatória. Já para 22,2% da amostra a percepção da qualidade de vida estava prejudicada.

A análise por dimensão aponta que no domínio *Autonomia*, 72,2% dos indivíduos apresentaram qualidade de vida prejudicada. Nas demais dimensões, a maioria dos indivíduos apresentou qualidade de vida satisfatória. A maior taxa de indivíduos com qualidade de vida satisfatória está na dimensão *Lazer* (98,1%), seguida da dimensão *Família* (88,0%).

As informações contidas na tabela a seguir permitem o conhecimento das médias obtidas para cada questão do instrumento.

Tabela 5 – Médias e desvios para as questões referentes à qualidade de vida.

	N	%	Média	Desvio Padrão
Q1	108	100,00	2,44	0,65
Q2	108	100,00	2,09	0,52
Q3	100	92,59	2,28	0,90
Q4	108	100,00	1,99	0,73
Q5	108	100,00	2,01	0,69
Q6	108	100,00	2,37	0,62
Q7	108	100,00	2,49	0,69
Q8	108	100,00	1,37	0,71
Q9	108	100,00	2,36	0,60
Q10	107	99,07	2,51	0,84
Q11	108	100,00	2,86	0,46
Q12	108	100,00	1,64	0,78
Q13	107	99,07	2,68	0,68
Q14	107	99,07	0,42	0,64
Q15	108	100,00	1,04	0,82
Q16	108	100,00	2,15	0,78
Q17	102	94,44	1,94	0,83
Q18	108	100,00	2,01	0,88
Q19	108	100,00	1,67	1,00
Q20	108	100,00	0,98	0,74

Q21	108	100,00	2,69	0,72
Q22	108	100,00	2,23	0,78
Q23	108	100,00	0,54	0,69
Q24	108	100,00	2,31	0,82
Q25	106	98,15	2,65	0,59
Q26	108	100,00	2,28	0,65

Fonte: Elaborado pela autora

Na média geral obtida por questão do instrumento (cf. Tabela 5), observa-se, de acordo com os critérios de avaliação do mesmo, infelicidade em situações cotidianas referidas pelas questões 04 (À noite, ao dormir), 08 (Quando você vai a uma consulta médica), 12 (Quando você faz as lições de casa), 15 (Quando você brinca sozinho), 17 (Quando você dorme fora de casa) e 19 (Quando os amigos falam de você), pois a média obtida em tais questões foi < 2 pontos. Observa-se, ainda, muita infelicidade (média <1 ponto) nas questões 14 (Quando você fica internado no hospital), 20 (Quando você toma remédios) e 23 (Quando você está longe de sua família).

4.2 Tempo em atividades educacionais:

As tabelas 6 e 7 apresentam os resultados obtidos no diário de atividades (versão infantil), na categoria atividades educacional. Resultados de atividades realizadas em um dia da semana e um dia do final de semana, respectivamente.

Tabela 6 – Taxa de participação, tempo médio, desvio padrão e frequências observadas para grau de satisfação e significado em atividades educacionais- Dias de semana (n=108).

Item	N	%	Tempo Médio	Desvio Padrão	Grau de Satisfação (%)				Grau de Significado (%)			
					B	M	A	MA	B	M	A	MA
Escola regular	104	96,3	4:59	0:31	8,7	15,4	26,9	49,0	1,0	3,8	11,5	83,7
Aula de reforço	3	2,8	1:20	0:17	0,0	33,3	33,3	33,3	33,3	0,0	0,0	66,7
Aula de idiomas	9	8,3	1:31	0:20	0,0	44,4	33,3	22,2	0,0	11,1	44,4	44,4
Aula de informática	3	2,8	0:25	0:30	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0	100,0
Lição de casa	66	61,1	0:37	0:30	21,2	22,7	28,8	27,3	6,1	7,6	16,7	69,7
Usar o computador para tarefas escolares	13	12,0	0:19	0:18	7,7	0,0	38,5	53,8	7,7	7,7	30,8	53,8
Aprender algum ofício	3	2,8	0:51	1:01	0,0	0,0	33,3	66,7	0,0	0,0	33,3	66,7
Ensinar alguma coisa a alguém	27	25,0	0:20	0:19	3,7	11,1	33,3	51,9	0,0	0,0	44,4	55,6
Outra atividade	0	0,0			0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

Fonte: Elaborado pela autora

Ao analisar as informações presentes na tabela 5, nota-se que a maior taxa de participação foi para escola regular (96,3%) e o tempo médio de permanência na escola foi de, aproximadamente, 5 horas diárias. 61,1% das crianças referiram fazer lição de casa, a média de tempo gasto com essa atividade foi de 37 minutos. A terceira maior participação foi na atividade de ensinar alguma coisa a alguém, 25% dos participantes referiram se envolver com este tipo de tarefa, e a média de tempo despendido foi de 20 minutos diários.

Nota-se, ainda, que não houve nenhuma referência a atividades na categoria “outras atividades” e que uma pequena parcela das crianças (2,8%) participa de aulas de reforço, aula de informática ou aprende algum ofício.

As crianças que fizeram aula de informática permaneceram em média 25 minutos nas aulas; os que precisavam de aula de reforço gastaram em média 1 hora e 20 minutos e as

crianças que referiram aprender algum ofício se dedicaram em média 51 minutos a esta atividade.

Utilizar o computador para realizar tarefas escolares parece não ser uma tarefa muito comum para as crianças deste estudo durante a semana, pois apenas 12% dos participantes referiram fazer uso do computador com esta finalidade, a média de tempo gasto foi de 19 minutos. O mesmo pode ser observado no item aula de idiomas, onde apenas 8,3% dos participantes referiram permanecer em aulas de 1 hora e 31 minutos em média.

Com relação ao grau de satisfação, observa-se que, nos itens aula de informática (100%), usar o computador (53,8%), aprender algum ofício (66,7%) e ensinar alguma coisa a alguém (51,9%) a maioria declarou ter grau de satisfação muito alto. Nota-se, ainda, que a maior parte afirmou que escola regular (49%) tem grau de satisfação muito alto e que aula de idiomas (44,4%) tem grau de satisfação médio. Além disso, verifica-se com os dados da tabela 17 que os indivíduos que marcaram a opção aula de reforço se dividiram igualmente entre os graus médio, alto e muito alto, assim como os que marcaram lição de casa se dividiram entre as quatro opções.

Para o grau de significado, nota-se que no item aula de idiomas a maior parte dos respondentes se dividiu entre os graus alto e muito alto, com taxa de participação de 44,4% para os dois graus. Nas outras atividades.

Os resultados obtidos para as atividades educacionais referentes a um dia do final de semana, estão dispostos na tabela 7:

Tabela 7 – Taxa de participação, tempo médio, desvio padrão e frequências observadas para grau de satisfação e significado em atividades educacionais - Dias de final de semana (n=108)

Itens	N	%	Tempo Médio	Desvio Padrão	Grau de Satisfação (%)				Grau de Significado (%)			
					B	M	A	MA	B	M	A	MA
Escola regular	1	0,9	0:10		0,0	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0	100,0
Aula de reforço	0	0,0			0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Aula de idiomas	0	0,0			0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Aula de informática	0	0,0			0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Lição de casa	13	12,0	0:39	0:37	23,1	30,8	30,8	15,4	15,4	0,0	23,1	61,5
Usar o computador para tarefas escolares	2	1,9	0:42	0:24	0,0	0,0	50,0	50,0	0,0	50,0	50,0	0,0
Aprender algum ofício	1	0,9	0:20		0,0	0,0	100,0	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0
Ensinar alguma coisa a alguém	11	10,2	0:26	0:22	0,0	9,1	27,3	63,6	0,0	18,2	27,3	54,5
Outra atividade	0	0,0			0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

Fonte: Elaborado pela autora

Os dados da tabela 7, como esperado, apontam baixo envolvimento das crianças com atividades educacionais no final de semana, as taxas de participação foram baixas e ausentes em algumas atividades.

Lição de casa (12%) e ensinar alguma coisa a alguém (10,2%) apresentaram as maiores taxas de participação no final de semana. Quanto ao tempo médio gasto com estas atividades, verifica-se que os indivíduos gastaram em média 39 minutos com lição de casa e

26 minutos ensinando alguma coisa a alguém. O único participante que assinalou frequentar escola regular fez referência a atividades realizadas no Programa Escola da Família².

Com relação ao grau de satisfação, a maior parte dos respondentes considerou grau médio ou alto para lição de casa e muito alto para ensinar alguma coisa a alguém, enquanto que para o grau de significado nota-se que a maioria considerou grau muito alto para ambos os itens.

4.3 Correlações: tempo, satisfação, significado e qualidade de vida.

A tabela abaixo apresenta as correlações encontradas entre tempo, grau de significado e satisfação em atividades educacionais e a qualidade de vida dos participantes, obtidas a partir da avaliação total do AUQEI para os dias da semana.

Tabela 8 – Medidas de correlação entre atividades realizadas durante a semana e qualidade de vida

		AUQEI Total
Educacionais (n = 105)	Tempo	-0,209*; 0,032
	Grau de Satisfação	0,322**; 0,001
	Grau de Significado	0,121; 0,218

Fonte: Elaborado pela autora/ * p-valor < 0,05, ** p-valor < 0,01

A partir dos resultados obtidos, constata-se correlação significativa ao nível de 5% entre tempo gasto em atividades educacionais e qualidade de vida (AUQEI total (ρ : -0,209; p-valor: 0,032) e correlação significativa ao nível de 1% entre grau de satisfação em atividades educacionais e AUQEI total (ρ : 0,322; p-valor: 0,001).

A tabela 9 apresenta as correlações encontradas para os dias do final de semana:

² O Programa Escola da Família é um programa criado pela Secretaria de Estado da Educação do Estado de São Paulo que proporciona a abertura de escolas da Rede Estadual de Ensino, aos finais de semana, com o objetivo de criar uma cultura de paz, despertar potencialidades e ampliar os horizontes culturais de seus participantes (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO, 2009. Disponível em <<http://escoladafamilia.fde.sp.gov.br/v2/Subpages/sobre.html>>).

Tabela 9 – Medidas de correlação entre atividades realizadas no final de semana e qualidade de vida

		AUQEI Total
Educativas (n = 27)	Tempo	0,025; 0,900
	Grau de Satisfação	0,263; 0,184
	Grau de Significado	-0,083; 0,681

Fonte: Elaborado pela autora/ * p-valor < 0,05, ** p-valor < 0,01

A partir dos resultados apresentados na tabela 9, nota-se que não houve correlação positiva entre as variáveis estudadas (tempo, satisfação e significado) no final de semana.

Apesar de ainda não haver uma concepção uniforme e universal sobre o conceito de qualidade de vida na infância e adolescência, a literatura aponta a necessidade de entender este conceito; entretanto, os estudos que buscam compreender o fenômeno a partir da perspectiva da própria criança e/ou adolescente ainda são raros. Tradicionalmente, os estudos sobre qualidade de vida na infância e adolescência têm sido realizados sob a perspectiva de pais e/ou responsáveis (ASSUMPCÃO Jr *et al.*, 2000; KUCZYNSKI, 2010; BERNAL, 2010; SOARES *et al.*, 2011; GIACOMONI; SOUZA; HUTZ, 2014).

Este trabalho buscou, entre outras coisas, conhecer a percepção de crianças de classe popular e estudantes de escolas públicas, sobre sua satisfação com as variáveis objetivas e subjetivas que circundam seu cotidiano, através de um questionário de autoavaliação de qualidade de vida próprio para a população infantil – o AUQEI. Todos os participantes do estudo demonstraram conhecimento das diferenças entre os vários estados mencionados no AUQEI (muito infeliz, infeliz, feliz e muito feliz) e compreensão das situações cotidianas que são investigadas no instrumento.

O perfil de resposta obtido com autossatisfação elevada apontou para atividades ligadas às férias, aniversários, recreações, estarem com avós, figuras parentais e irmãos, auto-imagem e projeção de futuro. Já o perfil de resposta obtido que mostra insatisfação apontou para atividades e situações que não são muito comuns no dia a dia ou causam instabilidade emocional como: os tratamentos de saúde, solidão ao estar e/ou brincar sozinho, insegurança em situações que envolvem amizades e distanciamento das figuras de apoio como pai e mãe, e naturalmente, as “obrigações” cotidianas, como fazer lição de casa.

O lazer foi a área mais bem avaliada, seguida do domínio família e função. O domínio autonomia chamou atenção pela quantidade de crianças que fizeram referência à infelicidade. Estes resultados são compatíveis com os resultados de pesquisas que avaliaram a qualidade de vida da população infanto-juvenil em idade escolar:

No estudo de validação do AUQEI para a população brasileira, realizado por Assumpção Jr. e colaboradores em 2000, com 353 escolares com idades entre 4 e 12 anos, o escore geral obtido foi 52,1 pontos, com desvio padrão de 6,27 pontos, resultado que apontou qualidade de vida satisfatória para os participantes. As semelhanças com o estudo por nós conduzido estão no perfil de resposta obtido com satisfação elevada para os itens concernentes a férias, aniversário, recreação, estar com avós, à mesa e práticas esportivas. Da mesma maneira, os itens, com os mais baixos escores foram os referentes à hospitalização e estar longe da família (ASSUMPÇÃO JR. *et al.*, 2000).

O estudo conduzido por Vendrúsculo e Matsukura (2007) objetivou identificar as formas de interação da família com a escola, o suporte social, recursos do ambiente familiar e a qualidade de vida de crianças sadias e de diferentes níveis socioeconômicos. O estudo apontou nível de qualidade de vida positivo em ambos os grupos e não houve diferença estatisticamente significativa entre os escores de qualidade de vida dos mesmos, o que induziu as autoras a hipotetizar que alguns componentes presentes no cotidiano e que resultam em uma avaliação satisfatória da qualidade de vida estão relacionados à presença de autoestima, auto-eficácia e autoconceito (VENDRÚSCULO; MATSUKURA, 2007).

Os resultados do estudo, por nós aqui apresentados, corroboram com a hipótese supracitada de Vendrúsculo e Matsukura (2007) sobre a percepção da boa qualidade de vida não estar ligada apenas a fatores quantificáveis, pois a população aqui estudada apresentou desvantagens ocupacionais em tempo gasto com atividades educacionais extracurriculares (cf. tabela 6) - se comparado a outros grupos sociais de maior poder econômico – e, ainda assim, a maior parte dos participantes do estudo referiu qualidade de vida satisfatória (cf. tabela 4).

A insatisfação com os assuntos abordados, nos quais as crianças do estudo aqui conduzido apresentaram prejuízos elevados na qualidade de vida, de certa forma é compreensível, levando-se em consideração a faixa etária dos participantes que vivenciam nesta etapa da vida alterações nas relações de amizade. Estas mudam de uma concepção concreta (partilhar brinquedos ou passar um tempo juntos) para uma concepção mais abstrata (confiança recíproca, generosidade e prestimosidade, e centrada nos grupos de companheiros). Além disso, o apego ainda continua presente nessa etapa da vida e as figuras paternas ainda são fortes fontes de apoio, proteção e influências, embora a relação afetiva com estas figuras seja menos explícita e com menos comportamentos de apego (BEE, 1997).

O receio a situações que não acontecem habitualmente também pode justificar a diminuição da satisfação e disparar temores e, em resposta, resultar em percepção de infelicidade na vivência de tais situações. Hospitalizações, medicações ou qualquer

tratamento de saúde pode diminuir a percepção da qualidade de vida de crianças saudáveis, tendo em vista que tais procedimentos não fazem parte de sua agenda diária (KUCZYNSKI, 2002).

Ao retomar a análise dos resultados obtidos sobre o tempo gasto em atividades educacionais, nota-se que grande parte das horas úteis nos dias da semana das crianças foi disponibilizada para a escola e, excluindo as atividades realizadas no ambiente escolar, para esta população parece não haver muita oportunidade de investimento no futuro com atividades extracurriculares, já que atividades como aulas de idiomas e aulas de informática, por exemplo, fazem parte do cotidiano de poucas crianças (menos de 10% dos participantes do estudo).

Embora não se tenha encontrado pesquisas com crianças brasileiras com categorizações de atividades e tempos semelhantes à pesquisa aqui apresentada, alguns resultados similares aos encontrados nesse estudo aparecem em pesquisas nacionais sobre o uso do tempo de crianças e adolescentes de classe popular.

A pesquisa realizada por Carvalho e Machado em 2006, na cidade de Porto Alegre e em um estudo comparativo sobre usos do tempo de crianças de classe popular e de classe média alta com idades semelhantes à da pesquisa aqui apresentada, também apontou para o pouco envolvimento e a inexistência de atividades extra-escolares no grupo de crianças de classe popular (CARVALHO; MACHADO, 2006).

O estudo de Martins e Gontijo (2011), realizado com adolescentes de classe popular com idades entre 12 e 16 anos, também apontou para a baixa inserção dos adolescentes em atividades extracurriculares. As autoras identificaram em seu estudo um desequilíbrio ocupacional entre os participantes da pesquisa e chamaram a atenção para as consequências que este desequilíbrio pode acarretar na qualidade de vida desses adolescentes.

Uma síntese dos resultados obtidos em estudos sobre o uso do tempo com crianças e adolescentes de classe popular aponta para a necessidade de maior envolvimento da instituição escolar como entidade promotora do consumo de bens culturais e na promoção da conscientização da necessidade do cultivo de hábitos e estilos de vida mais saudáveis, por meio de práticas regulares de atividades físicas e de atividades de lazer mais ativas, já que a taxa de participação em atividades de lazer passivo como assistir TV e usar o computador e a baixa taxa de participação em atividades extracurriculares e culturais são constantemente encontrados nestes estudos (BARROS *et al.*, 2002; CARVALHO; MACHADO 2006; SARRIERA *et al.*, 2007; MARTINS; GONTIJO, 2011; SCHWERTNER; FISCHER, 2012; SOUSA; EMMEL, 2013; NUNES *et al.*, 2013).

Os dados da pesquisa aqui apresentada corroboram e reiteram todas as afirmações já apregoadas nos estudos anteriores sobre o uso do tempo com as populações periféricas e de baixo poder econômico. Os dados desta pesquisa evidenciam que a escola é para muitos, o único equipamento a lhes garantir o acesso ao conhecimento, uma vez que a renda familiar não permite um maior “investimento” no futuro com a realização de atividades complementares como as aulas de idiomas, por exemplo.

Barros e colaboradores (2002), em um estudo epidemiológico sobre as atividades realizadas por adolescentes, quando não estão na escola, em uma comunidade urbana do Rio de Janeiro, apontaram para a necessidade de uma avaliação da diminuição dos custos de participação em atividades culturais e de lazer, pois esse parece ser o fator limitante para a prática de atividades como ir ao cinema, teatro, shows ou qualquer outra atividade que dependa de despendimento financeiro e que muitas vezes se torna inacessível para esta população.

As ampliações das reflexões suscitadas por Barros e colaboradores (2002) acendem ainda a discussão sobre a necessidade da ampliação do papel da escola como promotora de qualidade de vida dos seus alunos, sendo esta (para muitos sujeitos) o único espaço de apropriação de conhecimento formal, cultural, ético e político.

Nas análises de correlações entre tempo, satisfação, significado e qualidade de vida (tabela 8) foram encontrados, ainda que de intensidade leve, correlação estatisticamente significativa ao nível de 5% entre a quantidade de tempo dedicado às atividades educacionais e à má qualidade de vida (-0,209*; 0,032), e os resultados do inquérito do tempo apontaram que frequentar escola regular e fazer lição de casa foram as atividades educacionais com maior despendimento de tempo e maior taxa de participação (tabela 6). Tais dados conduzem à reflexão sobre o papel desempenhado pela instituição escolar e os sentimentos - não apenas, mas principalmente - negativos suscitados por esse ambiente que se encerra como um dos principais ambientes que as crianças frequentam e passam grande parte das horas úteis do seu dia.

Tais resultados sustentam, ainda, as afirmações de Assumpção Jr (2010) que assegura que devido ao distanciamento do ideal da escola (nos moldes atuais) como uma fonte de criação, inspiração, invenção e realização, dificilmente a mesma ocupará na vida das crianças um lugar de enriquecimento, satisfação e prazer.

É na família que inicialmente as crianças aprendem padrões de conduta que lhes serão funcionais (ou disfuncionais) ao ingressar em outros ambientes, mas o ingresso na escola é um dos grandes marcos na vida de uma criança. O tipo de escola e de professor, associados

aos antecedentes comportamentais aprendidos na família (e que são levados à escola), podem suscitar obstáculos na habituação da criança ao ambiente escolar e suas regras que, agregados a estratégias de ensino pouco atrativas e com muitas cobranças, contribuirão para a uma concepção negativa da escola e suas ramificações.

A literatura sobre resiliência tem apontado que a família é uma das principais fontes de resiliência e apoio para suas crianças e adolescentes, portanto, estimular a participação ativa da família nas atividades escolares, assim como uma boa interação entre família e escola, pode se configurar um fator protetivo para o desempenho escolar satisfatório das crianças (VENDRÚSCULO; MATSUKURA, 2007; MANNING, 2010; GIACOMONI; SOUZA; HUTZ, 2014).

Como parte importante da identidade ocupacional das crianças, a escola precisa ocupar o lugar de um ambiente agradável e com possibilidades de desenvolvimento de habilidades para além das competências pedagógicas. Para Barros e colaboradores (2002), há necessidade de uma participação mais efetiva da escola na promoção de eventos extracurriculares como teatro, dança e poesia, visando, além do aumento na participação nessas atividades, o desenvolvimento da criatividade de crianças e adolescentes. Tais ações tornariam a escola e as atividades educacionais mais prazerosas e satisfatórias.

Continuando a ampliação das reflexões suscitadas por Barros e colaboradores (2000), uma opção para tornar a escola em ambiente inspirador, de oportunidades de criação e desenvolvimento pessoal para alunos e educadores, seria multiprofissionalizar a educação pública e a equipe escolar com profissionais de terapia ocupacional, fonoaudiologia, psicopedagogia, neuropsicologia, música, entre outros. Profissionais que possam contribuir com a dinamização e humanização da rotina escolar, com o ensino de jogos e brincadeiras, atividades culturais e sociais que estimulam o corpo, o cérebro e a cognição e promovam a auto-estima, a auto-eficácia e autoconceito.

Diversos saberes unidos em prol de uma formação de cidadãos aumentaria o leque de atividades a serem oferecidas pela escola, potencializaria as formas de transmitir e avaliar o conhecimento e tornaria o aprendizado - não apenas o curricular, mas o aprendizado para a vida - uma atividade não apenas significativa, mas também satisfatória pois, conforme apontado por este estudo (cf. tabela 8), há uma correlação positiva entre a satisfação em realizar atividades educacionais e a boa qualidade de vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado apresentou os comportamentos relacionados ao uso do tempo em atividades educacionais de crianças de uma faixa etária e classe socioeconômica específica, apontando as tendências para o uso do tempo nesta categoria e a avaliação da qualidade de vida de uma parte da sociedade com poucos recursos financeiros.

Os resultados do estudo e as reflexões suscitadas por ele apontaram para a necessidade de maiores investimentos da instituição escolar em ofertar acesso a bens culturais e atividades diversificadas como esporte, lazer e o ensino de brincadeiras mais ativas para esta população.

O inquérito do tempo apontou para um desequilíbrio ocupacional nesta área da ocupação infantil (atividades educacionais), principalmente em atividades que não são obrigatórias no ambiente escolar. Porém, notou-se que estes elementos não influenciaram na percepção positiva da qualidade de vida da maior parte dos participantes do estudo.

As investigações sobre o uso do tempo em atividades educacionais podem ser importantes ferramentas, pois se configuram em um excelente meio de diagnóstico e possibilitam a compreensão da relação do aluno com o tempo dedicado às atividades educativas e as implicações que esse relacionamento pode acarretar ao seu desempenho acadêmico, saúde, bem-estar e qualidade de vida. Como ferramenta de diagnóstico, tais estudos podem orientar alunos, pais, professores e profissionais diversos envolvidos na educação às práticas que visam o equilíbrio ocupacional educacional e o engajamento em ocupações pessoalmente significativas e satisfatórias.

Este trabalho mostrou a importância do estudo do uso do tempo na infância em atividades educacionais, sendo esse um tema que tem relação direta com a ocupação humana nesse período da vida, uma vez que essa acontece dentro de um tempo determinado e pode exercer influência na percepção da boa ou má qualidade de vida.

Apontou ainda a necessidade de uma reformulação da equipe escolar com a inserção de equipe multiprofissional.

Dois aspectos importantes a serem ressaltados na realização do presente estudo são a limitação da amostra e a impossibilidade de generalização dos resultados aqui obtidos. Ainda assim, notou-se que os dados encontrados neste estudo foram coerentes com o que a literatura nacional sobre o uso do tempo de crianças e adolescentes de classe popular apresenta.

Dessa forma, chama-se atenção para a necessidade de mais estudos que se aprofundem teórica e empiricamente nas transformações e tendências das ocupações humanas

(especialmente as relacionadas à educação) na infância e a forma como essas ocupações se relacionam com a qualidade de vida nesse período.

Os déficits encontrados neste estudo na área de desempenho ocupacional, por mais que não tenham resultado em implicações diretas à qualidade de vida dos participantes, servem para reafirmar a necessidade de mais investimentos e maior atenção das instâncias governamentais, do capital privado e da sociedade civil para essa população, de forma a favorecer melhores condições de vida e de desenvolvimento pessoal e social, para que a percepção de bem-estar, felicidade e boa qualidade de vida permaneçam e/ou apareçam na vida dos sujeitos que vivem em situação social e ocupacional, em relação aos grupos economicamente favorecidos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, N. Metodologias para o levantamento do uso do tempo na vida cotidiana no Brasil. **Econômica**, Niterói, v. 12, p. 64-82, 2010.

AGUIAR, N. Mudanças no uso do tempo na sociedade brasileira. **Revista de ciências sociais política e trabalho**, n. 34, p. 73-106, abr, 2011.

ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L.; MARQUES, R. Qualidade de vida: definições e conceitos. In: _____. **Qualidade de vida definição, conceitos e interfaces com outras áreas de pesquisa**. São Paulo: Edições EACH, 2012. p.13-50.

AOTA. Framework: domain & process. 2nd. **The American Journal Occupational Therapy**. V. 63, v. 6, p. 625-683, nov/dec, 2008.

ASSUMPCAO Jr., F. B. et al. Escala de avaliação de qualidade de vida: (AUQEI - autoquestionnaire qualité de vie enfant imagé) validade e confiabilidade de uma escala para qualidade de vida em crianças de 4 a 12 anos. **Arq. Neuro-Psiquiatr.** [Online]. V. 58, n. 1, 2000. Disponível em <<<http://dx.doi.org/10.1590/s0004-282x2000000100018>>>. Acesso em outubro de 2012.

ASSUMPCÃO Jr., F. B. Evolução Histórica Do Conceito De Qualidade De Vida. In: ____; KUCZYNSKI, E (Org.) **Qualidade De Vida Na Infância E Na Adolescência**. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 21-42.

BARROS, R.; COSCARELLI, P.; COUTINHO, M.F. G. *et al.* O uso do tempo livre por adolescentes em uma comunidade metropolitana no Brasil. **Adolesc. Latinoam.**, vol.3, no.2, nov. 2002. Disponível em: < http://ral-adolesc.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1414-71302002000200008&lng=es&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: Outubro de 2014.

BEE, H. **O ciclo vital**. [Lifespan development]. Regina Garcez (Trad.). Porto Alegre: Artmed, 1997. 656 p.

BERNAL, M. P. **Qualidade de vida e autismo de alto funcionamento**: percepção da criança, família e educador. 104 f. Dissertação (Mestrado Em Psicologia) – Instituto De Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CARVALHO, M. J. S.; MACHADO, J. B. Análise dos usos do tempo entre crianças acerca das relações de gênero e de classe social. **Revista Currículo Sem Fronteiras**, v.6, n. 1, p. 70-81, jan-jun, 2006. Disponível em <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss1articles/car_mach.pdf>>. Acesso em setembro de 2012.

CAVALCANTI, L. G. A.; PAULO, M. A.; HANY, F. E. S. A pesquisa piloto de uso do tempo do IBGE 2009/2010. In: Fazendo Gênero 9 – Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, **Resumos...** Santa Catarina: Ufsc, 2010, P. 1-10.

EMMEL, M. L. et al. Qualidade de vida e promoção em saúde junto a trabalhadores: uma proposição de diagnóstico e intervenção em terapia ocupacional. **Cadernos de terapia ocupacional da UFSCar**. São Carlo, v.10, p.30-41, 2002.

EMMEL, M. L. G. Ocupação humana e uso do tempo em atividades significativas ao longo do ciclo de vida: implicações para a qualidade de vida. Projeto De Pesquisa, CNPq. 2012.

GASPAR, T.; MATOS, M. G. de. (org.) Qualidade De Vida Em Crianças E Adolescentes Versao Portuguesa Dos Instrumentos Kidscreen 52 – Manual –. Disponível em <<<http://www.fmh.utl.pt/aventurasocial/pdf/qualidade.de.vida.kidscreen.pdf>>>. 2008.

GIACOMONI, C. H.; SOUZA, L. K. de; HUTZ, C. S. O conceito de felicidade em crianças. **Psico-Usf**, Itatiba, v. 19, n. 1, apr. 2014.

KUCZYNSKI, E. Avaliação da qualidade de vida em crianças e adolescentes sadios e portadores de doenças crônicas e/ou incapacitantes: 2002. 195 f. Tese (Doutorado Medicina) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

KUCZYNSKI, E. Qualidade de vida na infância e na adolescência. In: ASSUMPÇÃO Jr., F. B.; KUCZYNSKI, E. (org.) **Qualidade de vida na infância e na adolescência**. Porto Alegre: Artmed, 2010. p.43-56.

MANNING, S. A. **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. São Paulo: Editora Cultrix, 2010. p. 147-158.

MARTINS, S., GONTIJO, D. T. Tempo de engajamento nas áreas de ocupação de adolescentes inseridos em uma escola publica. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 22, n. 2, p. 162-171, maio/ ago. 2011.

MINAYO, M. C. S.; HARTZ, Z. M. A.; BUSS, P. M. Qualidade De Vida E Saúde: Um Debate Necessário. **Ciênc. Saúde Coletiva** [Online], v. 5, n. 1, p. 7-18, 2000. Disponível em <<<http://Www.Scielo.Br/Pdf/Csc/V5n1/7075.Pdf>>>. Acesso em maio de 2014.

NUNES, A.C. EMMEL, M.L.G. O uso do tempo nas atividades cotidianas de crianças de classe popular de 9 a 12 anos. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo**, v. 26, n. 2, p. 76-85, 2015.

Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/89617/101713>>. Acesso em outubro de 2015.

NUNES, F. B. S. et al. Retratos do cotidiano de meninos de cinco e seis anos: a atividade de brincar. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, V. 21, N. 2, P. 275-287, 2013. Disponível em <<[Http://Dx.Doi.Org/10.4322/Cto.2013.029](http://Dx.Doi.Org/10.4322/Cto.2013.029)>>. Acesso em julho de 2014.

RAMOS, D. P. Pesquisas De Usos Do Tempo: Um Instrumento Para Aferir As Desigualdades De Gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 3, set-dez, 2009.

SARRIERA, J. C. et al. Uso do tempo livre por adolescentes de classe popular. **Psicologia, Reflexão e Crítica**, v. 20, p.361-367, 2007.

SCHWERTNER, S. F.; FISCHER, R. M. B. Juventudes, conectividades múltiplas e novas temporalidades. Educação em Revista, Belo Horizonte, v.28, n.01, p.395-420, mar., 2012. Disponível em: < <http://www.readcube.com/articles/10.1590%2FS0102-46982012000100017>>. Acesso em: Novembro de 2014.

SOARES, A. H. R. Et Al . Qualidade de vida de crianças e adolescentes: uma revisão bibliográfica. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio De Janeiro, v. 16, n. 7, jul, 2011. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n7/19.pdf>>. Acesso em: Maio de 2014.

SOUSA, L. C.; EMMEL, M. L. G. A organização do tempo no cotidiano de crianças com paralisia cerebral e de crianças com o desenvolvimento típico. **Temas Sobre Desenvolvimento**, v. 19, p.136-141, 2013.

STINSON, L. L. Measuring how people spend their time: a time-use survey design. **Monthly labor review**, ago, 1999. Disponível em <<[Http://Www.Bls.Gov/Mlr/1999/08/Art3full.Pdf](http://www.Bls.Gov/Mlr/1999/08/Art3full.Pdf)>>. Acesso em outubro de 2012.

TEIXEIRA, V. M. S. **O uso do tempo e o desenvolvimento das competências sociais em crianças em idade escolar**. 2009. 419 F. Tese (Doutorado Em Psicologia) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade d Porto, Porto-Portugal, 2009.

VENDRÚSCULO, L. M.; MATSUKURA, T. S. Desempenho escolar satisfatório de crianças de diferentes realidades sócio-econômicas: Identificando fatores protetivos. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 15, n. 1, p. 31-41, 2007. Disponível em: < <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/152>>. Acesso em: Novembro de 2014.

WILCOCK, A. A theory of the human need for occupation. **Journal of Occupational Science**, v. 1, n. 1, p.17-24, 1993. Disponível em <<[Http://Dx.Doi.Org/10.1080/14427591.1993.9686375](http://Dx.Doi.Org/10.1080/14427591.1993.9686375)>>

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

NUNEL , A. C.; EMMEL, M. L. G. Tempo Gasto Com Educação E Qualidade De Vida De Crianças De Classe Popular. **Rev. FSA**, Teresina, v.13, n.2, art.8, p. 149-175, mar./abr. 2016.

Contribuição dos Autores	A. C. Nunes	M. L. G. Emmel
1) concepção e planejamento.	X	
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X